

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA «DR. MENDES CORREIA»

UNIVERSIDADE DO PORTO

DIRECTOR — PROF. DOUTOR SANTOS JÚNIOR

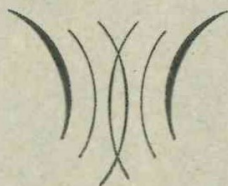
CONTRIBUIÇÃO
PARA O ESTUDO DO CULTO DO VINHO
NO LESTE DE TRÁS-OS-MONTES

por

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

PROF. DE ANTROPOLOGIA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS
DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Separata das «Jornadas Vitivinícolas», V Volume, 1962



TIPOGRAFIA ALCOBACENSE, LIMITADA

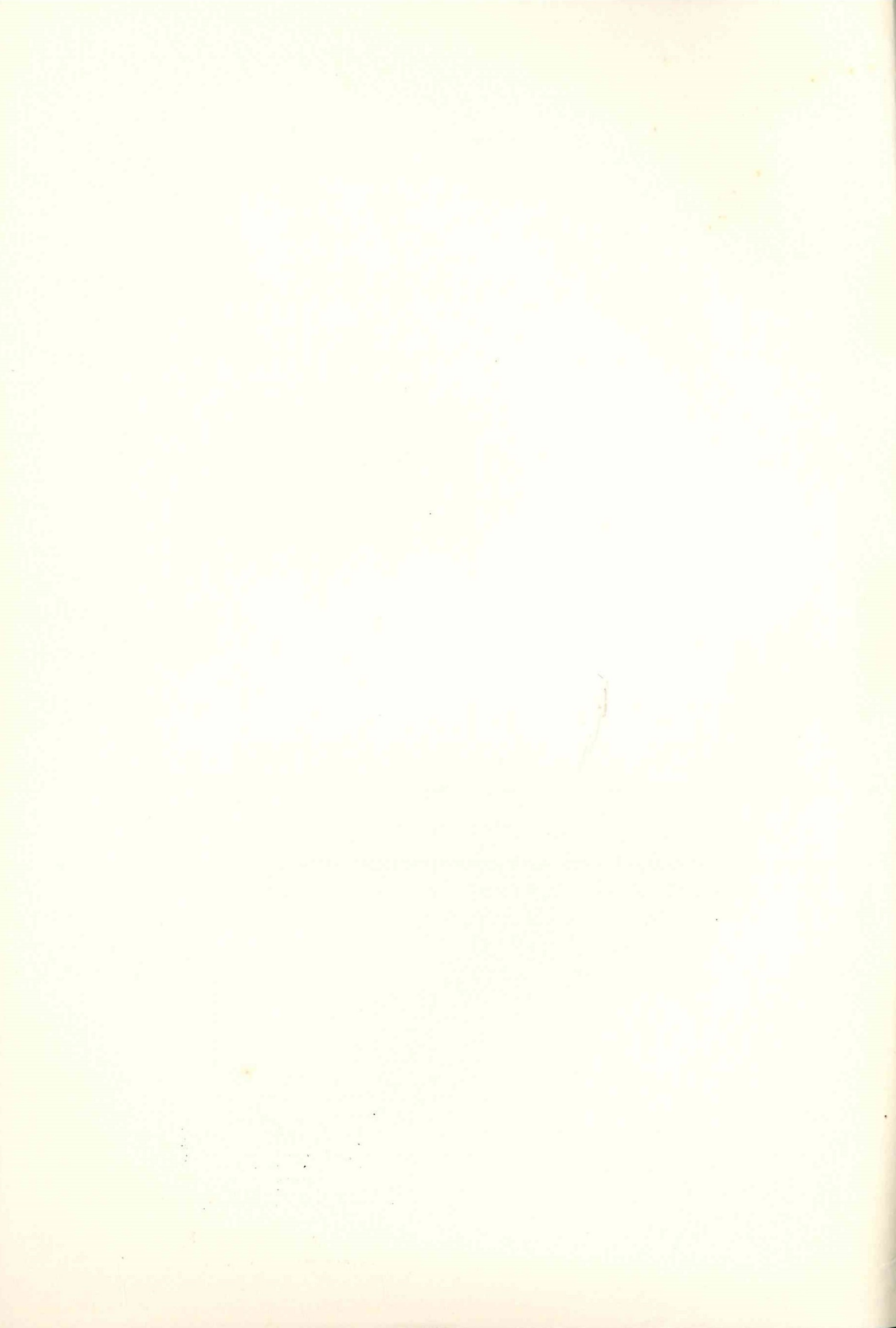
ALCOBAÇA

1964



8)
94.5(469.21)(04)
AN

CONTRIBUIÇÃO
PARA O ESTUDO DO CULTO DO VINHO
NO LESTE DE TRÁS-OS-MONTES



INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA «DR. MENDES CORREIA»

UNIVERSIDADE DO PORTO

DIRECTOR — PROF. DOUTOR SANTOS JÚNIOR

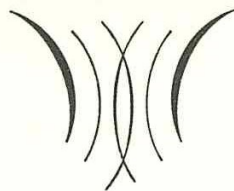
CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DO CULTO DO VINHO NO LESTE DE TRÁS-OS-MONTES

por

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

PROF. DE ANTROPOLOGIA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS
DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Separata das «Jornadas Vitivinícolas», V Volume, 1962



TIPOGRAFIA ALCOBACENSE, LIMITADA

ALCOBAÇA

1964



Barcelona

Perm.

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DO CULTO DO VINHO NO LESTE DE TRÁS-OS-MONTES

POR

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR

(Prof. de Antropologia da Universidade do Porto)

*H*Á muitos usos e costumes populares ligados ao vinho. Há-os de norte a sul do país. Referiremos um ou outro costume que existe ou existiu em Trás-os-Montes, para tratar em especial do «vinho de Santo Albino» e duma curiosa procissão que todos os anos se fazia em Meirinhos, freguesia do concelho de Mogadouro, e que há muito já se não faz.

Há muitas festas populares que perpetuam o velho culto báquico e a liturgia das bacanais à sombra do agiologio cristão.

O vinho entra imprescindivelmente no ritual da missa.

O vinho anda associado a um grande número de práticas religiosas de feição popular.

Nas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, Vol. IX, Porto, 1932, pags. 269, o Abade de Baçal escreveu: «Em Carviçais, concelho de Moncorvo, nas procissões a implorar chuva durante as grandes estiagens, ao passar junto de uma fonte do povo, lavam o Santo com vinho que depois é bebido pelos circunstantes».

O comentário que pode fazer-se é este: o vinho com que lavavam o santo certamente seria vinho escolhido, do melhor. Sendo assim, o vinho era tão bom que seria uma pena perdê-lo ⁽¹⁾, depois, e isto era o que fundamentalmente o valorizava, aquele vinho, na crença popular, teria grandes virtudes, por estar impregnado de atributos mágico-religiosos.

⁽¹⁾ Ocorre-me neste momento o dito corrente em algumas terras do norte de Portugal e atribuído à mulher dum taberneiro. Esta ao chegar à taberna uma pipa nova provou o vinho e, ao fim de alguns copos deliciosamente saboreados, teve para o homem este comentário: — «Ó homem, ele é tão bom que até é uma pena vendê-lo».

As colunas dos altares de muitas igrejas, estão ornadas de vides, uvas e parras.

A cabaça, clássico recipiente do vinho, que figura como típico atributo de Santiago pendente do seu bordão, e de outros santos peregrinos como S. Roque e Santo Aleixo, existe em algumas das nossas igrejas, como no-lo diz o Abade de Baçal a pág. 307 do Vol. IX das suas *Mem. Arq. Hist. do Dist. de Bragança*, cit. a saber: num modilhão da igreja românica de Abambres, concelho de Mirandela; numa velha coluna de altar, agora arrumada no coro da igreja paroquial de Moncorvo, vê-se um anjo a beber por uma cabaça; na igreja românica de Santarém há o célebre *cabaceiro*, arco da sineira ornado de cabaças; no termo de Edral, concelho de Vinhais, na capela de S. Tiago, dito São Tiago de Ribas, a imagem deste santo tem na mão uma cabacinha, na qual, diz o povo, o Santo mete as nuvens em tempo de chuvas danosas à agricultura, e as solta quando fazem falta.

Na igreja românica da Adeganha, concelho de Moncorvo, há na frontaria um baixo relevo, em que figuram 3 mulheres. A do meio, diz o povo, tem a cabaça no meio das pernas ⁽¹⁾. É a Adeganha e a sua cabaça.

A Igreja cristianizou os *loca sacra* com capelinhas e cruzeiros. Soube aproveitar hábilmente a devoção pagã canalizando-a no sentido cristão.

Nos altos de muitos montes onde outrora se erguiam os «castros» pré-romanos, há capelinhas, frequentemente consagradas a S. Miguel.

A Igreja, sàbiamente, cristianizou velhos costumes pagãos muitos deles em ligação directa ou indirecta com o culto de Baco, que o mesmo é dizer com o culto do vinho.

Interessante neste particular é o *pau das almas*, velho costume que se fazia no dia 1 de Novembro em muitas terras do distrito de Bragança. O Abade de Baçal a págs. 310 e 311 do Vol. IX das suas *Mem. Arq. Hist. do Dist. de Bragança*, conta o modo como em Baçal, terra da sua naturalidade, concelho de Bragança, se fazia esta festa.

⁽¹⁾ De facto este baixo relevo o que representa é a cena da parturição. A cabeça do nascituro e seu pescoço semelham perfeitamente uma cabaça. Espero na primeira oportunidade publicar uma nota sobre esta insculptura românica do concelho de Moncorvo.

Os moços de Baçal no dia 1 de Novembro vão ao monte buscar um carro de lenha que eles próprios puxam. Esta lenha é arrematada em hasta pública e o dinheiro que ela render aplicado em missas e ofícios, que, no dia seguinte, se rezam pelas almas do Purgatório. Daí o nome de *pau das almas*.

Em muitas terras também as raparigas vão buscar outro carro de lenha, nas mesmas condições e com a mesma finalidade da dos rapazes.

Em Baçal na noite do dia 1.º de Novembro os moços percorrem a aldeia e pedem castanhas e outros frutos para serem leiloados. O dinheiro apurado terá o mesmo destino do do carro da lenha.

«Tanto quando chegam com o *pau das almas* como quando pedem os comestíveis, toda a gente lhes dá pão e vinho à farta e os ovaciona festivamente.

«Depois, em certo dia reunidos, comem por todos um chibo, ou mais, acompanhado de fortes libações vineáceas e galhofada.

«Estes festejos relacionam-se com os de S. Martinho (dia 11 de Novembro) e correspondem às bacanaís, às Antestérias e Osofórias pagãs, celebradas pelos Dionisiacos em honra de Semele, deus das almas, no princípio de Novembro, para comemorar o culto naturalista em reconhecimento das uvas novas chegadas ao lagar».

VINHO DE SANTO ALBINO (VILA CHÃ DE BARCIOSA)

Só mais uma nota referente às uvas novas que devo à informação do meu amigo P.º António Mourinho, pároco de Duas Igrejas e meu colaborador no estudo do folclore trasmontano.

Em Vila Chã de Barciosa ⁽¹⁾, Miranda do Douro, há uma capela, hoje em ruínas, dedicada a Santo Albino, construída ao deslado do povo no meio das vinhas, caras ao Douro, no cimo das arribas.

Registe-se que em Vila Chã de Barciosa se colhe muito vinho e muito bom.

⁽¹⁾ Barciosa deve provir de *barceio*, nome duma planta com que fazem as esteiras e dantes faziam as ceiras para as prensas de vára dos velhos lagares de azeite.

Na ocasião da vindima cada proprietário vinhateiro dava como oferta a Santo Albino uma cesta de uvas.

Os mordomos recebiam a oferta e as uvas eram pisadas em frente da capela numa fraga com «covas de lobo», que, supponho, serão depressões naturais devidas à erosão, as também chamadas caldeiras de gigante.

O vinho era vasado num pipo e guardado na dita capela.

Mais tarde era bebido por toda a gente da aldeia numa festa, em que o vinho era o elemento congregante.

Este vinho de Santo Albino bebia-se nos fins de Abril, no dia das Ladainhas ⁽¹⁾, véspera da Ascensão.

Todos bebiam e cada um o que lhe apetecia.

Como é natural uns bebem mais, outros menos. Cada um bebia consoante a sua sede e a sua capacidade.

Mas há sempre pessoas que, sabe-se lá porquê, lhes pesa pelo que fica, e muito mais quando se come e bebe à tripa forra, sem ter que pagar o que come ou bebe.

Havia em Vila Chã de Barçiosa 4 pessoas, 3 homens e uma mulher que no vinho de Santo Albino lhe cascavam pela medida grande, aproveitando a maré de beberem à farta sem pagar.

O povo memorou estes 4 aproveitadores na seguinte quadra que o P.^o Mourinho me escreveu em mirandês:

Santo Albino de Vila Chana,
Quien bos ha-de bubê-l bino?
Tartamöü i Quarta l aire, ⁽²⁾
Maranheira i mais Martino.

⁽¹⁾ As *Ladainhas* ou *Clamores* são celebradas pela igreja em fins de Abril. Os párocos acompanhados pelo povo vão ao campo e lançam água benta abençoando os frutos com orações próprias, estabelecidas no «Rituale Romanum». Na ida e na vinda cantam a Ladainha em que se destacam súplicas dirigidas a Deus pedindo-lhe protecção para suas pessoas e para os frutos da terra, e que os livre, a uns e outros, dos raios e das tempestades.

Ora as procissões chamadas *Ambarvais* eram celebradas durante 8 dias a partir de 10 de Abril, nos quais os 12 irmãos *Arvais*, sacerdotes de Ceres, percorriam os campos acompanhados pelo povo, lançando-lhe com o hissope (*aspergillus*) água benta, abençoando os frutos e suplicando à divindade que os livrasse a eles, aos gados, e aos frutos de peste, morte, destruição, trovoadas, ferrugem e sequeiro.

⁽²⁾ Tartamöü ou Tartamão é um apelido cuja significação se des-

A oferta das cestas de uvas a Santo Albino e a festa do beber do vinho do mesmo santo há 40 ou 50 anos que deixaram de se fazer.

PROCISSÃO DE S. MARTINHO (MEIRINHOS)

Vamos descrever a curiosa procissão que noutros tempos era costume fazer no dia de S. Martinho, 11 de Novembro, em Meirinhos, freguesia do concelho de Mogadouro distrito de Bragança e que deixou de se fazer há muitos anos.

Há uns 90 ou 100 anos, mesmo ainda há talvez uns 70 ou 80, em Meirinhos colhia-se muito vinho e bom.

Com a praga da filoxera, que em 1862 há precisamente 100 anos, apareceu no Alto Douro, em Gouvinhas, e que em poucos anos se estendeu a todo o país, as videiras em Meirinhos morreram e a sua reconstituição até à data não se fez senão muito parcialmente.

Em todo o termo da freguesia de Meirinhos o vinho que se colhe mal chega, se chegar, para consumo local.

Ora, naquela aldeia do concelho de Mogadouro, no dia de S. Martinho, 11 de Novembro, dia *nomeado*, acerca do qual dizem:

Dia de S. Martinho
Mata o teu porco,
Incerta o teu vinho
E põe-te de mal c'o teu vizinho.

fazia-se a procissão que passamos a descrever.

À frente uma cruz alçada com os braços revestidos de palha e pequenas cabaças espetadas nas pontas.

A cruz era ladeada por dois homens que empunhavam varas com 2 a 3 m de altura. Cada vara tinha espetada na ponta uma boa cabaça a fingir de lanterna.

O que levava a cruz e os das lanternas eram escolhidos de entre os mais borrachos do povo.

conhece: Quarta l aire ou Quarto al aire é apelido que deve resultar do facto de o indivíduo no tempo das calças de alcapão se esquecer de as apertar à banda, pelo que o flanco, quadril ou quarto ficava à mostra, ao ar.

Atrás da cruz seguia um pálio feito dum *tolde* ⁽¹⁾ da azeitona, com borlas feitas de cabacinhas pequenas.

Debaixo do pálio, ao menos na quadra em que o meu informador ⁽²⁾ assistiu à realização de tão picaresca procissão, ia determinado indivíduo, o sr. Filipe Néri, que levava uma grande cabaca, p'raí de meio almude, a fingir de custódia.

As varas do pálio pegavam bebedores categorizados.

Atrás do pálio, em cima duma padiola — à maneira de andor — ia um *boto* ⁽³⁾ de vinho cheio de vento, levado aos ombros de borrachões de grande nomeada na aldeia.

Depois seguia um carro pequeno e nele um pipo, sobre o qual ia escarranchado um homem, bebedor também de grande categoria, que levava numa mão um jarro e na outra um *embude* ⁽⁴⁾.

Fechava a procissão um numeroso acompanhamento formado pelos homens e rapazes da aldeia.

Entre eles seguiam os *prêgadores* que, durante o percurso, por todas as ruas da terra e das varandas das casas onde paravam, faziam sermões.

Estes, mais ou menos picarescos consoante a graça que cada pregador conseguia dar-lhes, tinham quase sempre como entroito a seguinte prece:

Ó meu rico São Martinho!
Ó milagroso Santo!
Ó milagroso Santinho!
Dai-nos muito pão e vinho.

⁽¹⁾ Assim chamam às mantas de lona ou sarapilheira que usam estender debaixo das oliveiras na vareja da azeitona.

⁽²⁾ Foi o meu velho amigo, já falecido, Sr. Ernesto Salgado, importante proprietário em Meirinhos e membro de uma distinta família, que me forneceu a maior parte dos elementos respeitantes a esta antiga procissão. Algumas coisas tinha-as ainda de memória, por, muitas vezes quando rapaz, ter assistido àquele velho divertimento. Outras procurou-as na recordação de alguns velhos de Meirinhos. Não posso esquecer o inteligente interesse que o Sr. Ernesto Salgado imediatamente manifestou quando lhe pedi informes sobre este assunto. À memória deste bom amigo presto a minha homenagem de veneração e apreço.

⁽³⁾ *Boto* é a designação ali corrente do ôdre feito duma pele de cabra.

⁽⁴⁾ *Embude* nome com que designam o funil.

Esta prece sintetisa de modo perfeito os dois elementos basilares e fundamentais da alimentação do povo, do homem que lavra e cava a terra e a faz desentranhar em primícias.

O mesmo conceito ressalta flagrante no judicioso e bem conhecido prolóquio *pão e vinho andam caminho* ⁽¹⁾.

Ao iniciar-se a procissão, que era organizada na praça em frente da igreja, a um daqueles pregadores competia dizer as lóas, série de quadras que a seguir se transcrevem e que constituíam o primeiro acto daquela ruidosa festa.

Meus caríssimos irmãos,
Restum et contestum.
Arre lá com a mugiganga.
São palavras extraídas
Do dia de São Martinho.
Este dia de que consta?
D'aguardente, licor e vinho.

O vinho cria bons homens,
Os homens boas acções,
P'ra levar ao reino dos céus
A todos os cristãos ⁽²⁾.

⁽¹⁾ O P.^e Francisco Manuel Alves, que foi ilustre Abade de Baçal, no Tomo X das suas «Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança», Porto, 1938, na excelente colectânea do Cancioneiro popular bragançano, publica a pág. 495, a seguinte quadra, a 1076 da série:

Este mundo é uma vinha
Cada cepa seu cristão
Vem a morte faz vindima
Sem procurar geração.

⁽²⁾ Bluteau no *Vocabulário da Língua Portuguesa*, menciona 44 adágios referentes ao vinho.

No livro *Douri-vinhada*, «poema épico burlesco oferecido aos lavradores de vinho do Alto Douro» por Bernardino Joaquim da Silva e publicado em 1822, lê-se: «Um povo que tem disto (refere-se ao vinho fino), sabe bem que o vinho é sangue de Cristo, que o vinho *lectificat cor hominis*, que *in vino veritas*, que *nunc vino pelite curas* que o vinho é *bonus ad omnia*, que quem diz vinho diz tudo e que tudo é nada sem vinho.»

Vamos pregar o sermão.
Deixemo-nos de razões.
Vamos por essas adegas,
P'ra que nos deiam
Bom vinho e bons salsichões.

Hoje aqui come-se e bebe-se;
Bebe-se um jarro de vinho
E come-se o perniléco
Do nosso porquinho.

Quando plantardes cêpas
Plantai o cornicêsto ⁽¹⁾:
Quando se vai à vindima
Cada parreira dá seu cesto.

Não planteis o moscatel
Que é o desinço dos ladrões:
Quando se vai à vindima
Só se lhe encontram os pinções ⁽²⁾

Quando cavardes as vinhas
Chamai o Manuel Poço,
Porque sempre bebe uma canada ⁽³⁾
Ainda antes de almoço.

⁽¹⁾ Variedade de uva tinta a que noutras regiões chamam *cornifrêsto* ou *cornifêsto*.

⁽²⁾ Na Quinta de S. Pedro, freguesia de Meirinhos, também tenho ouvido chamar *pinções* aos pêsinhos duros dos figos secos.

Da uva moscatel se faz bom vinho. É famoso o moscatel de Favaíes, freguesia do concelho de Alijó. Mas é especialmente para comer que esta uva é apreciada. A ela se refere a quadra 1080 da excelente colectânea do «cancioneiro popular bragançano publicada a pág. 496 do vol. X das *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, cit. que a seguir transcrevo

Pediste-me um moscatel,
Inda não veio a vindima.
Se queres o moscatel
Vem comigo à vinha.

⁽³⁾ A *canada* é a antiga medida de capacidade que levava quatro quartilhos, ou, sejam, dois litros.

Todas as lavradoras ricas
Agarram a sua bebedeira.
Mas a culpa só é
Da senhora Águeda Vendeira.

A senhora Catarina Carvalho
Põe a boca à torneira,
Até que se deixa cair
Com a grande borracheira.

Homens que ides às tabernas
Bebei bastante vinho e aguardente.
Depois encostai-vos às paredes,
P'ra não estorvar a gente.

Não há bebida mais fina
Do que é o próprio vinho;
A um fá-los cair de costas
E a outros de focinho (¹).

Não há bebida mais fina
Que o filho da cêpa torta,
A uns fá-los cair no chão
E a outros errar a porta.

(¹) São muitas as quadras do cancioneiro popular que se referem ao vinho. O ilustre Abade de Baçal no Tomo X das suas *Mem. Arq. Hist. do Distrito de Bragança* cit. publica uma série delas nas págs. 547 e 548. No mesmo tomo a pág. 662 publica o diálogo entre o vinho e os cereais em que os dizeres do vinho são os seguintes,

Eu sou o verde licor
Criado entre as matas;
Os homens são valentes
Mas eu faço-os andar de gatas.

Eu sou o verde licor
Criado entre as matas;
Faço andar os homens de joelhos
E as mulheres de gatas.

Sou rijo e valente,
Derrubo seja quem for;
Faço do néscio discreto
Um rigoroso doutor.

Ô milagroso Santo!
Ô milagroso santinho!
Dai-nos bastante
Aguardente, licor e vinho.

Vai seguir a procissão

O sr. Filipe Néri,
Por gostar da sua pinguinha,
Irá na dianteira,
Levará a custódia
E entoará a ladainha.

O andor será puxado
Pelos mordomos principais;
Catolino e Rosário,
Chicascas e Calais.

Estes «mordomos principais» eram borrachões de grande nomeada na aldeia a quem cabia a honra de pegar ao andor.

Acabadas as loas a procissão punha-se em marcha vagarosa na sua longa volta por todas as ruas da aldeia.

À porta de cada proprietário tudo parava.

O jarro do homem que ia escarranchado no pipo era levado ao dono da casa que o mandava encher do seu melhor vinho, logo trazido e vasado no pipo.

Além do vinho também davam coisas de comer, especialmente figos secos, nozes, pão, maçãs, e, um ou outro mais generoso, seu salchichão ou linguíça.

No fim do dia e pela noite adiante havia uma ceia colectiva. Toda a gente da aldeia, homens e mulheres, grandes e pequenos, pobres e ricos, comiam e bebiam em sociedade e boa harmonia.

À medida que a noite avançava as borracheiras iam crescendo proporcionalmente à quantidade de vinho bebido.

Dizia-me o Sr. Ernesto Salgado que, apesar de muitos se emborracharem, eram raras e de somenos as brigas ou zangatas. Presidia àquela festa um amplo sentido de harmonia.

Podemos talvez emitir o parecer de que em tudo havia como que a observância dum preceito religioso que determinava o recalcamiento de pequenas afrontas ou ressentimentos, para deixar apenas aflorar em esfusiante alegria e comunicabili-

dade afectuosa os nobres sentimentos duma afectuosa camaradagem.

É que o comer e beber em sociedade alegra o espírito, é elemento ponderoso para maior cordialidade de relações e factor importante de convivência social.

Há uns 70 ou 80 anos que esta procissão deixou de se fazer.

Procissão semelhante à que acabamos de descrever era também costume fazer-se no mesmo dia 11 de Novembro, na vizinha freguesia de Valverde, que confina, pelo norte, com a de Meirinhos.

* * *

No dia de S. Martinho, dia de grande nomeada, em muitas outras terras trasmontanas costumam fazer-se, e ainda hoje se fazem, festas em honra deste Santo.

Estas festas, como dissemos, perpetuam à sombra do agiologio cristão as bacanaís, festas celebradas em honra de Baco.

As bacanaís, também chamadas festas dionisiacas, de Dionísio, outro nome de Baco, eram celebradas pelas bacantes, sacerdotizas deste deus que vestidas de peles de animais, especialmente de bodes, com folhagem de hera ou de parra, empunhando tirso armado, corriam de noite pelas ruas soltando gritos horrendos. Acompanhavam-nas tocadores de cimbales e clarins. No cortejo participavam homens vestidos de sátiros, montados em burros e levando bodes para o sacrifício ritual. Baco, deus do vinho, tinha outras festas próprias, as *Meditrinales* que em 30 de Setembro se faziam em consagração do vinho novo.

Citemos algumas festas que os trasmontanos costumavam fazer ou fazem em honra de S. Martinho.

* * *

No Felgar, freguesia do concelho de Moncorvo, noutros tempos, no dia de S. Martinho organizavam uma procissão em que os borrachos da terra, já «bem compostos», isto é, com o estômago e a cabeça aquecidos por fartas libações do vinho novo, iam entregar as velas aos mordomos eleitos para o ano seguinte.

As velas eram *gaimões*, hastes secas e rígidas da inflorescência da *cebola almarra* (*Aphodelus albus* Mill).

Em algumas terras de Trás-os-Montes por ocasião das festas de S. Martinho, depois de rezada a missa, o mordomo distribui pelos assistentes, vinho, pão, queijo e tremoços ⁽¹⁾.

No dia de Santo Estêvão (26 de Dezembro), em muitas terras do distrito de Bragança se realizam festas que pela galhofa ruidosa que as caracterizam, pelo que se come e pelo muito que se bebe, se aproximam da festa de S. Martinho. Uma das mais notáveis destas festas de Santo Estêvão é, certamente, a que em 25 e 26 de Dezembro, se faz na Torre de D. Chama, concelho de Mirandela que fui estudar nos dois últimos anos.

Os nomes de *Mesa de Santo Estêvão* (Grijó, Faílde, Carcedo, etc.) *Mesa da sardinha* (Parada de Infações), *Pão de Santo Estêvão* (Vinhais) ou ainda os de *Calaças de roda* e *Calaças do meirinho* (Deilão) já nos dizem alguma coisa sobre a natureza destas festas.

Nesta última aldeia bragançana, no dia de Natal e no dia de Santo Estêvão, 25 e 26 de Dezembro, organizam a mesa que tem o nome deste Santo «no local mais central e próprio da povoação e, congregados nela os chefes de família, dão a cada um uma *canima*, ou sejam nove sardinhas; comem-nas

⁽¹⁾ Vd. Padre Francisco Manuel Alves (Abade de Baçal), *Mem. Arq. Hit. do Distrito de Bragança*, cit. Tomo IX, cit., págs. 293.

Em Vilar do Rei, concelho de Mogadouro, era costume fazer uma festa no domingo do Espírito Santo que consistia numa missa rezada. No fim desta, e pelo dia adiante fazia-se a distribuição por todos os habitantes de freguesia de um quarto de pão, uma talhada de queijo, uma tijela de tremoços e um copo de vinho. A esta festa se refere José Manuel Martins Pereira, a págs. 132 do seu livro «*As terras de entre Sabor e Douro*», Setúbal, 1908. Diz que a distribuição do «Convite do Divino Espírito Santo» se prolonga pelo dia adiante e acrescenta: «durante a distribuição do convite reina sempre a maior animação, não deixando nunca de aparecerem ditos mais ou menos engraçados; a uns porque faltaram à hora da missa, mas não faltaram à hora do convite; a outros, porque nunca lhes faltam em casa nesse dia filhos ou irmãos para pedirem parte do convite para eles. É enfim um dia de alegria para a mocidade da freguesia e até para a gente de fora que aparece nessa ocasião, porque todos participam no convite do divino Espírito Santo».

em comum e depois dançam rijamente ao ar livre ao som da clássica gaita de fole.

Como complemento não quero deixar de transcrever duas passagens em que o Abade de Baçal nas *Mem. Arq. Hist. do Dist. de Bragança*, Tomo IX, cit., pág. 241, fala de vinho novo e da festa de S. Martinho.

Ao falar de Miranda do Douro escreve: «Durante a feitura do vinho novo, os homens percorrem as ruas do povoado cantando e tocando ao som da gaita, tambor, ferrinhos e guitarras; pincham os carros que encontram, trancam as ruas com quantos paus e traves encontram e principalmente as fontes como para indicar que a água se não deve beber ⁽¹⁾. Ao mesmo tempo as mulheres reúnem-se em volta da fogueira que acendem na rua e fiam o linho, e por isso se dizem *fiadeiras* estes actos, em que estão constantemente cantando, rindo, folgando, e a espaços tocando pandeiro e bailando.

«A 11 de Novembro, dia de S. Martinho, cristianização do Baco pagão, festejam em Soeira o Santo que é seu orago.

«Terminada a função religiosa e o jantar, organiza-se o cortejo báquico, composto de mulheres e homens que andam, à guiza de procissão, de adega em adega, de taberna em taberna, onde cada um é obrigado a beber seu copo, isto dia e noite, até que vão caindo uns aqui outros acolá, e o que mais resiste sem tombar é proclamado «Juiz», honra que bebedores famosos vêm de longe disputar com o afã com que outros trabalham pela conquista de títulos heráldicos, diplomas académicos, cívicos, filantrópicos e mavórticos».

E prosseguindo, na mesma pág. 241 e 242 o Abade de Baçal escreve:

«— Muito bebes! — dizíamos nós há anos a um *quidam*. — Bebo — confirmou ele — e tenciono ir a Soeira disputar o *juizado*, mas ainda não me julgo suficientemente treinado, apesar de já botar uma *remeia* (seis litros) de um trago e quatro por dia.

«Em Paradela de Monforte de Rio Livre, hoje concelho de Chaves, vimos nos anos em que paroquiámos a freguesia

(¹) Em nota de fundo da página donde fazemos esta transcrição, lê-se «*No Homem que Ri*» de Victor Hugo, vol., 3.º, cap. 4.º, pág. 12, fala-se em divertimentos idênticos.

de Mairos (1889-1896) um devoto que no dia de S. Martinho jungia ao carro os bois carregados de dezenas de campainhas, coleiras vistosas e outros ornatos e, sob um docel de festões de hera e vide com colgaduras de cabaças, borrachas, picheis e outros vesicalhos vineáceos, assentado em pipas, percorria com outros companheiros, seis povoações vizinhas à cata de sócios para a eleição de *juiz* de borracheira. Era triunfalmente galhofeira a entrada do carro, assim engrinaldado, nas povoações e delirantes os risos expansivos do povo e os vivas ao *juiz* dos comparsas do veículo».

Com o ilustre abade de Baçal que, melhor que ninguém, conhecia profundamente a etnografia do distrito de Bragança, diremos; é escusado acentuar que estas festas perpetuam o culto báquico e, algumas delas, a liturgia das bacanaís, à sombra do agiólogo cristão.

* * *

Alguns dos factos que descrevemos, e outras costumeiras relativas ao vinho, constituem manifestações populares do leste trasmontano que vêm, seguramente, de tempos remotos.

O povo de Trás-os-Montes, fortemente arreigado às tradições, mantém como herança secular, por vezes milenária, antigos costumes e velhos ritos, que, zelosamente, vai transmitindo de pais a filhos.

A alma deste povo, fresca como água, alegre como o vinho e radiosa como manhã de Abril, guarda em si um sentimento profundo dos costumes que o divertem, o fazem cantar, dançar e rir, costumes que a tradição lhe trouxe em muitos séculos de usança e que ele, ciosamente, tem conservado como verdadeiras relíquias.

A Trás-os-Montes, cabe o justo e preciso título de relicário da Etnografia Portuguesa.

biblioteca
municipal
barcelos



9633

Contribuição para o estudo do
culto do vinho no Le